



Editor: *Instituto Politécnico de Santarém*
Coordenação: *Gabinete coordenador do projecto*
Ano 5; N.º 187; Periodicidade média semanal; ISSN:2182-5297; [N.13]

FOLHA INFORMATIVA N.º 20-2012

OS PORTA-VOZES DA MEMÓRIA AVIEIRA

Uma tradição verdadeira não é o testemunho de um passado caduco; é uma força viva que anima e documenta o presente. Longe de envolver a repetição do que foi, a tradição supõe a realidade do que perdura. É como um bem de família, um património que se recebe com a condição de fazê-lo frutificar antes de o transmitir aos descendentes.

Igor Stravinsky, Poética musical, Paris, 1952

A importância do património cultural imaterial (PCI), assim como a da sua salvaguarda, é amplamente reconhecida pela comunidade mundial, como demonstra o facto de que a Conferência Geral da UNESCO ter adotado, em outubro de 2003, a Convenção para a Salvaguarda do PCI. Segundo o artigo 2 desta Convenção, o PCI atribui às comunidades, grupos e indivíduos um sentimento de identidade e de continuidade, enquanto a sua salvaguarda é uma garantia de criatividade.

É do conhecimento geral que uma grande parte dos conhecimentos e das técnicas associadas ao PCI se encontra em perigo de extinção devido à diminuição do número de quem as pratica, o desinteresse crescente dos jovens e a falta de fundos.

No âmbito do Projecto Nacional da Cultura Avieira e na consequente inventariação do património imaterial avieiro, têm-se vindo a recolher vários testemunhos orais - histórias de vida - contadas por “porta-vozes da memória” na sua maioria muito idosos, que têm sido o suporte principal da forma de documentar o intangível desta cultura.

Nestas histórias de vida estão concentradas dezenas de peças de cancionero, lengalengas, rezas e mezinhas e várias narrações, entre lendas e contos populares, que estavam em “risco de extinção”, pois enquanto o património tangível facilmente sobrevive ao seu criador, as

manifestações imateriais encontram-se intimamente ligadas às comunidades, grupos e indivíduos que as executam, estabelecendo uma ligação real, mas também simbólica, entre as gerações. Esta forma de transmissão do conhecimento assume importância fundamental em todo o processo de salvaguarda do património cultural imaterial avieiro. Estas histórias de vida foram “resgatadas” da memória de vários avieiros - e quem melhor do que as comunidades e grupos para reconhecer o seu próprio património e participarem activamente na sua inventariação, salvaguarda e gestão?

O entendimento do Instituto Politécnico de Santarém ao homenagear pescadores avieiros transmissores de saberes, fazeres e saberes-fazer, decorre deste ser um dos meios mais eficazes para levar a cabo a salvaguarda do património cultural avieiro, garantindo, deste modo, que prossigam com a expansão dos seus conhecimentos e técnicas e que, por sua vez, as transmitam às gerações mais jovens.

Assim, reconheceram-se publicamente 3 homens e 3 mulheres, como transmissores da memória cultural oral da comunidade avieira, através da atribuição de diplomas. A entrega destes diplomas foi feita em sessão pública, solene, no 3º Congresso Nacional da Cultura Dia Avieira no dia 9 de Junho de 2012.

As biografias abaixo descritas foram desenhadas em conjunto com os próprios.

VÍTOR LOBO TOMÁS [Caneiras/Santarém]



Vítor Luís Lobo Tomás, 80 anos, nasceu na aldeia Avieira da Palhota em 14 de Março de 1932. Os seus pais José Tomás Narciso e Margarida Vicente Lobo tiveram nove filhos, sendo Vítor Tomás o mais velho de todos. Todos viveram dentro do barco. Como eram nove, passaram maus bocados para se conseguirem criar. Os mais novos dormiam com os pais, à proa, e os mais velhos dormiam ao meio do barco, em cima de esteiras, na zona a que se chama

emparadeira. Quando cresceu, já em casa de madeira, sentiu obrigação de trabalhar para ajudar a criar os irmãos mais novos, tendo tomado conta de muitos deles.

A vida de pescador do Tejo teve muitas dificuldades e aflições. Na altura dos temporais, várias vezes se achou em risco de vida, com o "*coração nas mãos*". Foi necessária coragem para seguir em frente, tal como todos os outros pescadores. "*Não se trata de um mar e sim de um rio, mas quando há temporais é um rio bravo e a pesca não conhece bons e maus horários, porque a obrigação manda pescar*". Segundo as suas palavras "*nasceu nesta arte e é nela que vai morrer*".

Mestre Vítor Tomás casou-se em 1956, aos 24 anos, com Eulália Dias Pelarigo, é pai de dois filhos, tem quatro netos e três bisnetos.

Construiu nas Caneiras a sua barraca assente em estacas, para viver e constituir família. Aí morou durante cinco anos. Foi alvo de maus-tratos por parte das autoridades do rio, antes do 25 de Abril. No entanto isso não o fez vacilar.

Trabalhou sempre com garra e foi essa atitude que o ajudou a ultrapassar as dificuldades. Quando se dedicou às searas de tomate amealhou o suficiente para construir uma casa de alvenaria, também nas Caneiras, onde ainda hoje habita.

Mestre Vítor Tomás ainda se mantém ativo tendo sido ele exclusivamente a restaurar todos os barcos Avieiros que estiveram em exposição na Feira Nacional de Agricultura no âmbito do 3º Congresso, de acordo com as técnicas ancestrais que aprendeu dos seus e da sua comunidade.

EMÍLIA BRANHA LAMEIRA [Barreira de Bica - Vale de Figueira/Santarém]



Emília Branha Lameira, 80 anos, nasceu a 04 de julho de 1932 em Salvaterra de Magos quando os seus pais Manuel Custódio Branha e de Clara Lameira andavam na pesca do sável, mas foi em Vale de Figueira (Barreira da Bica) que foi registada.

"Vivíamos numa casa de madeira com estacas ao pé do rio Alviela".

Uma pescadora que bem cedo conheceu a dureza do trabalho no campo, dissipando a infância para ajudar a família de nove irmãos. Aos 21 anos casou com José Charana, que também trabalhava no campo, e decidiram abandonar o trabalho na terra que não lhes pertencia, para responder ao chamamento do Tejo, seguindo o exemplo dos pais.

Passaram muitas dificuldades *"Foi uma vida muito dura. No verão, dentro do barco, era um calor insuportável. No inverno, era um frio de gelar"*.

Engravidou um mês depois de casar, e até dar à luz continuou a viver dentro do barco no rio. Depois do parto, passou um mês em terra com o bebé nos braços, para criar. Quando o filho completou 6 anos de idade, Emília e José decidiram mudar de vida e assentar em terra. O menino tinha que ir para a escola e o barco tornava-se cada vez mais pequeno e inóspito para servir de lar. Além disso, a saúde de Emília exigia cuidados. Havia contraído uma doença pulmonar mas foi a tarefa de um toiro bravo que a deixou com as *"mazelas"* maiores, que carrega até aos dias de hoje.

Construíram com as suas próprias mãos uma barraca de madeira na Aldeia Avieira da Barreira da Bica na freguesia de Vale de Figueira, à beira Tejo, com o pouco dinheiro que conseguiram amearhar na dura vivência de pescadores. Tiveram mais um filho, que em bebé revelava uma saúde débil.

O casal não abandonou o barco. Continuou a dedicar-se à pesca e a entregar-se á cansativa faina do dia-a-dia. Uma tempestade destruiu-lhes a barraca onde viviam e tiveram que construir outra.

Já com os filhos criados, José decidiu comprar um pedaço de terreno e construiu uma casa melhor em Vale de Figueira. A partir daqui a vida melhorou significativamente e Emília não mais deixou a sua casa. Anos mais tarde, José Charana morreu afogado no Tejo ao tentar salvar das águas o velho barco, num dia de fortes chuvadas.

MANUEL DOMINGOS DA CUNHA [Esteiro do Nogueira/Vila Franca de Xira]



Manuel Domingos da Cunha, 80 anos, nasceu a 2 de Dezembro de 1932 e todos o conhecem popularmente como "Manuel do Bau" gentílico adulterado de Vau assentamento avieiro onde nasceu. Habita no Esteiro do Nogueira, bairro Avieiro de Vila Franca de Xira.

É filho de Domingos José da Cunha e de Emília Clara e tem 3 irmãs. É casado com Rosa da Silva Pereira há 62 anos. O casal tem 2 filhas, 1 neto, 1 neta, 1 bisneto e 1 bisneta.

Daquilo de que mais se lembra é do percurso que fazia com a sua camarada, na bateira, de Vila Franca de Xira até à Ponta-d'Erva para fazer o lance de pesca. Depois de apanhado o peixe, o casal seguia no barco a remos para Benavente para vender o pescado. Esta tarefa era efectuada durante a noite e era muitas vezes concluída com o dia avançado. Por ser uma tarefa árdua, devido à distância (mais de 30Km a remar), era realizada alternadamente entre o homem e a camarada. Cantar ajudava a aliviar o cansaço resultante do extenuante trabalho.

A sua "barraca" foi a primeira a ser fixada no Esteiro do Nogueira. Com a ajuda de um colega, fixou 4 estacas debaixo da ponte Carmona, à sombra, e assentou o abrigo sobre as mesmas. Devido à entrada em funcionamento da ponte, o tráfego que se fazia até então pelo rio, com as bateiras (transporte de vinho e mercadorias) diminuiu drasticamente, afectando os

rendimentos dos que ganhavam a vida a transportar pessoas e bens de uma para a outra margem do Tejo, junto à ponte de Vila Franca.

Manuel do Bau esteve na origem da fundação do Rancho dos Avieiros de Vila Franca em 25 de Dezembro de 1962. Actualmente o Rancho Folclórico mantém 3 classes de dança. É de assinalar que o rancho percorreu o país inteiro em espectáculos tendo ido também actuar a Espanha e duas vezes a França, uma das quais nos arredores de Paris, onde foram recebidos e vistos com grande ovação.

Com alguma saudade o Sr. Manuel do Bau lembra esses tempos do passado e com mágoa constata que hoje em dia as tradições populares têm vindo a perder-se.

MARIA DE SOUSA [Azinhaga/Golegã]



Maria de Sousa tem 88 anos, tendo nascido em 24 de Dezembro de 1924. É filha de António Fernandes e de Maria de Sousa, que tiveram 4 filhos, duas raparigas e dois rapazes, tendo um nascido na Praia de Vieira de Leiria. Os pais moravam no Patacão de Baixo, aldeia Avieira em Alpiarça, tendo Maria de Sousa nascido e sido registada em Vale de Figueira a 4 de Janeiro de 1925, localidade situada na outra margem do Tejo, praticamente em frente ao Patacão de Baixo. Foi batizada na igreja de Santo Eustáquio, em Alpiarça.

Casou-se com a idade de 26 anos, nessa altura vivia na Azinhaga, para onde entretanto os seus pais se mudaram, para trabalhar na Quinta das Moitas, propriedade da família Serrão. Deu-se

entretanto um incêndio, arderam as barracas de madeira da família e nada se salvou dos seus pertences, só ficaram com a roupa que tinham no corpo. Os pais voltaram para o Patacão de Baixo e Maria de Sousa foi trabalhar para junto do chamado Mouchão do Veiga.

Depois da pesca, ia a pé da Azinhaga para a Chamusca - percurso de mais de uma hora - a tempo de começar a trabalhar numa propriedade, integrada num rancho de mulheres onde fez todo o tipo de trabalhos rurais. Muitas vezes deslocava-se para vender o peixe com a cesta à cabeça e com as duas filhas ao colo, até à idade de três anos, nem sequer podendo levantar a cesta para evitar desequilibrar as crianças.

Enviuvou aos 70 anos e mudou-se definitivamente para a Azinhaga para uma casa que já era sua. É a última pescadora da família e a única que, no Tejo, exerce a atividade sozinha. Gosta do que faz e todos os dias vai à pesca na sua bateira, à exceção dos sábados e domingos. Confeciona e conserta as redes, faz reparações e pinta a sua embarcação.

"*Gosto muito de trabalhar*", afirma.

CRISPIM DINIS [Santana/Cartaxo]



Crispim Dinis, 86 anos, nasceu em Alfange no dia 7 de Agosto de 1925, mas foi em Almeirim que ficou registado, terra dos seus padrinhos, onde foi batizado.

Neto e filho de Avieiros da Vieira de Leiria, seus pais são Luís Dinis e Guilhermina Tocha, (que enviuvou tinha ele oito anos). Teve duas irmãs. A mãe voltou a casar, o que o obrigou a viver em várias aldeias Avieiras: Barreira da Bica, Vala de Almeirim, Patacão de Baixo, Barreiras do Tejo (Abrantes), Porto do Lobão e já sozinho foi morar para a Praia do Ribatejo, Benfica do Ribatejo. Voltou para Alfange até que uma derrocada nas barreiras o levou a ir morar para Santana, no concelho do Cartaxo, onde vive atualmente com a esposa, Maria Jerónima

Pelarigo. É pai de duas filhas, Maria João e Maria Adélia, que lhe deram netos de quem muito se orgulha.

Desde muito cedo se "fez" à pesca com os pais. Apanhavam sável, saboga, enguia, fataça, enguia e barbo para vender a dois escudos o quilo. "O pescador vende sempre o melhor peixe e come o pior", diz. Mais tarde teve de abandonar a vida de pescador que levava, para montar, durante 28 anos, perto de 200 postos meteorológicos ao longo do país, através da antiga Hidráulica do Tejo. "*Como a pesca não dava grande lucro e tinha filhos a estudar virei-me para outros trabalhos, mas nunca abandonei a pesca por completo*", disse.

Trabalhou na construção civil como carpinteiro, atividade que ainda hoje domina, e que lhe deixa saudades, pois foi o período mais feliz da sua vida, "*criei grandes amizades, havia pessoas mais sérias, mais amor e havia a tal palavra de honra, que se perdeu actualmente*".

Nos últimos anos, desde que se reformou, tem-se dedicado à construção de pequenos barcos em madeira, semelhantes ao que usava na pesca e dos que construía em tamanho real. Também constrói pequenas casas palafíticas inspirando-se na barraca que construiu para si quando estava solteiro.

IRIA FRAGATA GRILO [Touco/Alpiarça]



Iria Fragata Grilo, 84 anos, nasceu a 31 de Dezembro de 1927 na aldeia de Vale de Cavalos, descendente de avieiros de Vieira de Leiria, sendo seus pais Manuel Grilo e Luzia Fragata.

Aos 18 anos casou-se com António Branha, com ascendência também avieira, tendo ficado a morar na Barreira da Bica durante 3 anos em casa dos sogros, Manuel Branha e Clara Lameira.

Mais tarde foi morar para a aldeia avieira do Touco, em Alpiarça., onde viveu e criou os três filhos. O seu tempo era passado na vala de Alpiarça, na pesca. Após o levantamento das redes

ia até à vila para vender o produto da pescaria. Para poder ganhar mais alguma coisa ainda trabalhava no campo. Nas "*horas vagas*" ajudava o marido a remendar as redes e confeccionava novas.

No Verão, quando o peixe escasseava, deslocava-se para outros rios, valas e ribeiras onde pernoitava nas margens numa cama feita de palha de arroz. O pequeno barco era transportado às costas ou no burro. Na altura da pesca do sável deslocava-se à Barreira da Bica com a rede varina. Após a morte do marido continuou pelas margens da Vala de Alpiarça na apanha da enguia, da carpa, do barbo, dos lagostins de água doce, entre outras qualidades de peixe.

A sua casa palafítica ainda hoje existe, em estado de abandono, é certo, mas bastante bem conservada. É uma das casas palafíticas que sobrevive junto das margens da Vala Real de Alpiarça, não se conhecendo outra nas mesmas condições ao longo dos afluentes do Tejo.

Retirou-se da faina aos 82 anos (em 2009), não deixando no entanto o trabalho na agricultura.

Lurdes Véstia